

PETRY, Michele Bete. **O corpo nas expressões gráficas de humor: Dilma Rousseff e a política brasileira contemporânea.** Curitiba: Editora CRV, 2013.

CORPO E POLÍTICA: DILMA ROUSSEFF E AS EXPRESSÕES GRÁFICAS DE HUMOR

BODY AND POLITIC: DILMA ROUSSEFF AND THE HUMOR GRAPHICAL EXPRESSIONS

Michelle Carreirão Gonçalves¹

Em seu *O corpo do rei*, Georges Vigarello afirma que “A história do corpo do rei é verdadeiramente também a história do Estado.”², de forma que o primeiro já seria a incorporação do segundo. Por isso, não é sem sentido que o corpo do soberano seja representado por dois corpos: o natural (físico e individual) e o místico (genérico, encarnação visível do reino). Se o corpo é metáfora para o poder, o rei não pode ser outra coisa além (ou aquém) da cabeça e do coração do Estado. Mas a modernidade traz consigo a crescente “descorporalização” do poder³, juntamente com a queda das monarquias e a ascensão da República.

Entretanto, é possível afirmar que o corpo tem ganhado cada vez mais destaque na política contemporânea, resultado de uma crescente estetização desta⁴. Um dos maiores exemplos desse movimento é o histórico filme *Triunfo da Vontade*, documentário sobre o Congresso do Partido Nacional-Socialista de 1934, em Nuremberg, dirigido por Leni Riefenstahl. Mais do que um evento registrado pelas câmeras da jovem diretora, *Triunfo da Vontade* é resultado de um evento feito para ser filmado, servindo como poderoso meio de propaganda política, ao utilizar-se de toda sua força sensorial, estética, totalitária⁵.

É sobre as imbricações entre corpo, política e estética que trata o livro de Michele Bete Petry, *O corpo nas expressões gráficas de humor: Dilma Ruosseff e a política contemporânea*. Resultado de dissertação de mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, a obra procura analisar de que forma a então candidata à Presidência da República foi retratada pela imprensa. Partindo de perspectiva da História Cultural e da História do Tempo Presente, Petry considera como fontes as expressões gráficas de humor (caricaturas, charges e cartuns), “Expressões ordinárias, efêmeras

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista CNPq. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (MEN/UFSC/CNPq). E-mail: michelle_carreirao@yahoo.com.br.

² VIGARELLO, Georges. O corpo do rei. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). **História do corpo vol. 1: Da Renascença às Luzes.** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 503-534.

³ Conforme Vigarello (2008).

⁴ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e Técnica, Arte e Política.** Ensaios sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁵ Sobre o tema, ver, entre outros: VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre os esforços da *Aufklärung*: educação e política depois de Auschwitz. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (Orgs.). **Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa.** Campinas: Autores Associados, 2010. p. 116-130.

e grotescas, (...) [que] somente há pouco tempo deixaram de ser desenhos de entretenimento instantâneo para adquirirem o estatuto de documentos.”⁶.

Na primeira parte do livro intitulada *O corpo nas expressões gráficas de humor*, a autora busca apresentar tais artefatos a partir de sua linguagem estética, entendendo-os como um desenvolvimento de uma estética do grotesco e do cômico, baseados, fundamentalmente, no desenho do corpo, acompanhado de textos satíricos. Estas expressões são divididas entre caricaturas, charges e cartuns, sendo que a distinção entre elas “reside principalmente na escolha do personagem, situação e narrativa histórica, e na referência ao tempo, à memória e ao discurso.”⁷. O humor é a chave de leitura para essas manifestações estéticas, que procuram fazer rir ao explorar mimeticamente as figuras retratadas, na medida em que produzem semelhança no dessemelhante, a saber: entre o desenho e aquilo a que se refere.

A segunda sessão, *Perfis de uma candidata ideal*, mostra como o investimento no embelezamento corporal de Dilma colocou-se como questão fundamental no momento de campanha eleitoral, deixando transparecer a importância do corpo nas disputas políticas. Somado a isso, Lula aparece como personagem que troca constantemente de identidade com Dilma, indicando uma hereditariedade no poder. Aliás, vale destacar que das 56 figuras analisadas no livro, apenas 15 não contêm imagens de Lula, sendo que 4 destas fazem alguma referência direta a ele.

Por fim, em *A preparação de uma presidenta*, a forma em que é representado o corpo de Dilma, a partir de analogias com brinquedos, crianças e animais, indica o preconceito em torno da figura feminina, que se mostraria incapaz de governar. Por isso, precisaria de auxílio e treinamento, advindos sempre de Lula (que faz as vezes de pai, professor, mentor, guia espiritual e *personal trainer*), para que possa superar sua condição de mulher e a consequente incapacidade de lidar com a vida pública, demarcando-se a necessidade de uma aprendizagem do masculino e da política.

Tomando então o humor como elemento constituinte das narrativas analisadas sobre o cenário político brasileiro contemporâneo, a obra em questão deixa ver como as personagens das caricaturas, charges e cartuns – Dilma, mas também Lula – são deslocadas, por meio do riso, de seu lugar de autoridades políticas nacionais – ela, ministra da Casa Civil e candidata à presidência; ele, o então presidente da República. Retratando o corpo de forma grotesca e caricatural, as expressões gráficas de humor lidam com o que há em nós de mais primário, o riso, essa “expressão dialética do descontrole, frequentemente associado à violência paranoica e ao preconceito, mas, também, momento a fazer recordar a natureza não administrada, mimética, portanto, ainda fonte de esperança.”⁸.

E assim como o riso do leitor conserva em si algo de incontrolável, de não inteiramente dominável, as próprias imagens caricaturadas de Dilma carregam um momento de descontrole. Ao ser apresentada como mulher, animal e criança, a então candidata à presidência é colocada num lugar de inferioridade em relação ao seu outro, os homens. O fato de ser mulher mostra seu inacabamento, sua natureza não totalmente dominada e civilizada, símbolo da histeria e da sensibilidade. As mulheres agem pelas paixões e isso é um perigo para o esclarecimento. E as analogias com a infância e com os animais seguem a mesma dinâmica, pois são estas também figuras não totalmente dominadas pela racionalidade: as crianças por estarem ainda em meio ao processo de esclarecimento, os animais, por não terem a capacidade de raciocinar exclusiva dos

⁶ PETRY, Michelle Bete. **O corpo nas expressões gráficas de humor**: Dilma Rousseff e a política brasileira contemporânea. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 13.

⁷ IBID, p. 30.

⁸ VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre os esforços da *Aufklärung*: educação e política depois de Auschwitz. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio A. S.; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco (Orgs.). **Teoria Crítica e Inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010. p. 125.

homens. E essas vozes que são dissonantes, por serem representantes, de alguma forma, de certo descontrole (os *outros da razão*⁹, que nos lembram a todo instante nossa porção de natureza), precisam ser apaziguadas pela figura masculina de autoridade, que ofereceria confiança e credibilidade. Daí a necessidade de Lula acompanhar insistentemente e incansavelmente Dilma nas imagens analisadas por Petry. Ele é o guia de Dilma no árduo caminho da política.

Aliás, vale destacar que Lula também precisou passar, assim como ocorreu com Dilma, por um longo processo de *civilidade*¹⁰ para chegar ao poder. O Lula candidato em 2001 e eleito em 2002 é muito diferente daquele que concorreu às eleições presidenciais no ano de 1989 (e mesmo de 1994). O homem de barba a ser aparada, ex-operário, de fala estranha e mutilado em decorrência de um acidente de trabalho, precisou ser depurado, ter seu corpo limpo e embelezado, assim como se passou com Dilma, anos depois. Lula parece mostrar a Dilma que o jogo político não se dá apenas no âmbito das ideias, dos argumentos, da *doxa*¹¹, mas também (e por que não dizer, principalmente?) no plano da imagem, do corpo saudável, jovem e bonito, corpo controlado, aquele com o qual o eleitor possa se identificar: figura simpática e refinada, mais palatável à nossa sensibilidade acostumada com os astros do cinema e da TV¹². Por isso é preciso que a ex-militante presa durante os anos de chumbo no Brasil, torne-se uma elegante senhora, assim como ocorrera com seu antecessor, nordestino de origem humilde que se transformou em um distinto senhor. As metamorfoses corporais presentes nas fontes de Petry nos mostram esse processo: a política se faz, contemporaneamente, muito mais com o corpo do que com a opinião.

Por fim, é preciso ainda dizer que a batida frase de Lula “nunca antes na história desse país”, muito satirizada também nas caricaturas, charges e cartuns presentes no livro aqui resenhado, é mesmo reveladora, como mostra Petry, na medida em que Lula, mas também Dilma, representam figuras históricas singulares do poder no Brasil: ele o primeiro operário a assumir a presidência, ela a primeira mulher a exercer o cargo. Mas chegar até esse ponto exigiu um percurso de transformações corporais que, no caso de Dilma, como se pode ver na obra em questão, foram muito reivindicadas nas expressões gráficas de humor. O corpo representado nas fontes analisadas por Petry, oscila entre o feio e o belo, o tolo e o inteligente, o humano e o inumano, o feminino e o masculino. É um “corpo inevitavelmente idealizado”¹³, assim como era o do soberano, mas que, dessacralizado e republicano, permite novos contornos, novas imagens, novas retratações. Ele já não é mais lugar da perfeição e do poder absoluto, mas sim, “objeto ordinário”, imagem ‘comum’, longe do ‘corpo majestoso’¹⁴ como outrora fora o do rei.

Resenha recebida em julho de 2013; aprovada em novembro de 2013.

⁹ Esta é uma ideia que vem sendo trabalhada por um conjunto de pesquisas fundamentadas nos marcos teóricos da Teoria Social Contemporânea, mais especificamente da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, realizadas no âmbito do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (MEN/UFSC/CNPq), coordenado pelo Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz. Tomo dele emprestado o termo.

¹⁰ Aqui penso a partir da ideia de *processo civilizador*, desenvolvido por Norbert Elias, que tem como uma das principais características o aumento da sensibilidade e conseqüente afastamento da natureza, resultando numa nova conformação dos gestos e costumes. Ver: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador** (2 vol). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹¹ Sobre o tema, ver: ARENDT, HANNAH. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

¹² ADORNO, T.W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

¹³ VIGARELLO, 2008, p. 504.

¹⁴ IBID, p. 534.